



Um projeto inteligente

Faculdade
de Medicina da USP
faz 100 anos

Neldson Marcolin

Prédio da faculdade na fase final de construção, em 1931. Na parte de baixo da foto, os túmulos do Cemitério do Araçá

Ao projetar uma escola de formação de médicos para o estado de São Paulo, em 1912, o grupo reunido em torno de Arnaldo Vieira de Carvalho pensava em fazer algo diferente. O objetivo era ter um currículo moderno, diferente das três primeiras faculdades de medicina do país, a de Salvador, a do Rio de Janeiro e a de Porto Alegre. Planejou-se um curso preliminar de um ano e outro geral de cinco anos, com 28 disciplinas. Diretor nomeado da nova escola, Vieira de Carvalho orientou o ensino para que tivesse base científica e experimental, com ênfase em pesquisa e estudos laboratoriais. Nas duas outras faculdades o modelo era de aulas teóricas com destaque para clínica. Cem anos depois, o projeto mostrou-se acertado ao tornar a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) uma fonte contínua não só de bons médicos, mas também de pesquisas científicas sobre o campo médico e de saúde.

O começo foi difícil. Um ano antes da fundação da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo surgia a Universidade Livre de São Paulo, de cunho privado,

que nada tem a ver com a USP criada em 1934. A instituição nasceu na esteira da lei Rivadávia Correia, de abril de 1911, que permitia a organização do ensino particular no Brasil. Esta universidade particular, comandada por Eduardo Guimarães, começou com cinco cursos, um deles de medicina. Mas não durou muito – em dezembro de 1912 Vieira de Carvalho conseguiu a aprovação do governo paulista para a faculdade oficial. Esta medida, aliada a outras – como a oposição da elite médica local, que considerava a iniciativa privada de má qualidade –, levou o empreendimento ao fracasso em 1917.

O projeto da faculdade oficial teve dificuldade em conseguir dinheiro regular do governo. Nos primeiros anos funcionava em dependências da Escola Politécnica, da Escola de Comércio Álvares Penteado e de um prédio alugado na rua Brigadeiro Tobias. As aulas começaram em 1913 com apenas três professores: Carvalho, Celestino Bourroul e Edmundo Xavier.

Aos poucos se agregaram a eles Guilherme Bastos Miward, os franceses Emille Brumpt e Lambert Mayer e os italianos Alfonso Bovero, Alexandre Donatti e Antonio Carini, entre muitos outros.

“Em 1916 veio o apoio da Fundação Rockefeller, que demorou a se efetivar por razões políticas”, conta o historiador André Mota, coordenador do Museu Histórico da FMUSP. “A contrapartida exigida pelos americanos era a construção de um hospital de ensino, que até então funcionava na Santa Casa.” Vieira de Carvalho morreu em 1920, aos 53 anos, e o acordo com a Rockefeller só saiu do papel em 1926. Em 1931 foi inaugurado o prédio atual da faculdade, custeado pela fundação, e três anos depois surgiu a USP. A inauguração do Hospital das Clínicas ocorreu em 1944. Junto com ele começam se estruturar os institutos especializados. Hoje há oito deles.

O reconhecimento internacional de excelência da faculdade ocorreu em 1951, quando a Sociedade Americana de Medicina a



Arnaldo Vieira de Carvalho lê discurso no lançamento da pedra fundamental para a construção do prédio, em 1920, ano de sua morte

colocou entre as 15 melhores do mundo. “Hoje o *ranking* da Universidade de Xangai, um dos vários existentes, a classificou em 76º lugar; é o único curso brasileiro entre os Top 100”, diz José Otávio Costa Auler Júnior, vice-diretor em exercício da faculdade. “Queremos ficar entre as 50.” Nesses 100 anos, o corpo docente foi responsável por avanços científicos pioneiros, como o primeiro transplante de rim da América Latina (1965), o primeiro de fígado da América do Sul (1968) e o segundo de coração do mundo (1968), entre muitos. Em 1975 foram criados 62 Laboratórios de Investigação Médica (LIM) nos quais hoje se produzem 4% da pesquisa nacional (ou 14% na área médica do país).

Para o futuro, Costa Auler revela três objetivos. “O primeiro é promover a maior integração dos grupos de pesquisa com pesquisadores do exterior de modo a aumentar o impacto da ciência produzida”, diz. O segundo é estruturar novos modelos educacionais para tornar os cursos mais eficientes, buscando a excelência no ensino. E, por último, desenvolver estratégias voltadas para alguns dos problemas de saúde pública das grandes cidades, como poluição, álcool e drogas.

Aula prática do professor Carmo Lordy, em pé de braços cruzados, no prédio da rua Brigadeiro Tobias. Foto feita entre 1914 e 1920

